

OPINIÃO

E agora, José?


JAIME PINSKY

Historiador, autor, entre outros livros, de O Brasil tem futuro?

Durante milênios os faraós mantiveram a massa de camponeses em total miséria e ignorância, enquanto eles próprios, na qualidade de filhos do Sol, viviam magnificamente. Eles se permitiam construir túmulos, entre os quais as pirâmides, com tal quantidade de força de trabalho e tamanho volume de bens materiais que, se bem aplicados, permitiriam uma vida bem mais confortável a toda a população.

Na Idade Média não foi muito diferente. Enquanto os nobres lutavam e os religiosos oravam, cabia aos camponeses prover todo mundo de comida. A importância da Revolução Francesa consiste, principalmente, na concepção de uma cidadania que permitia igualdade de oportunidades, sem predeterminações, sejam elas decorrentes de relações familiares, origens sociais, títulos herdados ou outros instrumentos que serviam para compartimentar a sociedade.

A idéia de que as pessoas não são diferentes a priori só vai, contudo, empolgar o mundo ao longo do século 20, quando a universalização da leitura e a grande circulação de informações via jornais impressos, antes, e depois por meio do rádio, da televisão e, mais recentemente, da internet, passam a criar a globalização da informação. Se, por um lado, isso permite uma manipu-

lação das pessoas nunca imaginada, por outro, implica conhecimento de fatos que fogem ao controle dos manipuladores. Ao se passar uma informação com determinado objetivo, passa-se também, sem querer, outras, que podem ter efeito contrário àquela que se imaginou. Assim, o trabalhador chinês, que tem uma remuneração tão baixa a ponto de fazer com que produtos chineses destruam a indústria de qualquer país onde eles cheguem, logo estará reivindicando o direito de consumir mais intensamente, alterando o crescimento chinês para patamares bem menores do que o que vem ostentando nos últimos anos. É viver para crer.

Da mesma forma, aqueles que acreditam que o povo brasileiro é apático e bovino, mas de manobra para políticos suspeitos, talvez esteja fazendo um bom investimento de curto prazo, mas seguramente vão quebrar a cara no longo. E é fácil deduzir o porquê.

1 — O país não tem uma política habitacional consistente. É vergonhoso ver onde moram nossos compatriotas: favelas apinhadas, beira de rios, palafitas, áreas erodidas. Não dispõem de água encanada, muito menos de saneamento básico. As ruas, quando existem, não são asfaltadas, não há recolhimento regular de lixo. Quem está um pouco melhor habita a periferia das cidades, construindo suas casas irregularmente, puxadinho pra cá, puxadinho pra lá, sem licença das prefeituras e sem atenção delas, a não ser em ano de eleição.

2 — O país não tem uma política educacional consistente. Finge-se que há escola para todos, mas confessa-se o fracasso da escola pública ao se abrir, nas universidades, vagas privilegiadas para estudantes oriundos...de

escolas públicas. Discute-se como melhorar a escola? Não, discute-se como melhorar as cotas. E qualquer educador razoável sabe como resolver o problema da escola pública. Basta vontade política.

3 — O país não tem uma política de segurança consistente. Enquanto os pontos de ônibus de uma cidade como São Paulo ficam lotados de trabalhadores tentando voltar para suas casas (que ficam no anel externo, a periferia, a dezenas de quilômetros de distância), o presidente da República, em plena campanha eleitoral, oferece uma virtual força federal para supostamente resolver o problema da violência urbana da cidade! E o governo estadual permite a queima de ônibus em todos os bairros da capital mantendo aqueles que deveriam cuidar da segurança pública encurralados; os donos de ônibus abandonam o povo sem transporte, alegando falta de segurança. Quando o Estado e os responsáveis entregam o espaço público aos bandidos, que esperança pode restar?

Quanto tempo uma política de filantropia eleitoral pode manter o país em estado de equilíbrio? Hoje em dia, se não for por bens culturais, pelo menos por bens materiais, muita gente está disposta a lutar. As contradições do nosso modelo econômico criam aprendizes de feitiçeiros, pessoas que querem ter o direito de consumir aquilo que a televisão disse a eles ser indispensável.

Os bandidos cooptam parte de nossa juventude, abandonada em bairros feios, sem lazer, sem perspectiva de trabalho, sem exemplos éticos, presa fácil do apelo para o consumo e para o ganho de uns trocados, seja qual for a forma.

E agora, José?


ARI CUNHA

visto, lido e ouvido

Desde 1960

 ari.cunha@correioweb.com.br
com Circe Cunha // circe.cunha@correioweb.com.br

Carona nas escolas

Diplomado presidente da República, quase quatro anos atrás, Luiz Lula da Silva fez a apologia de quem não estuda. Disse emocionado que aquele era o primeiro diploma que recebia na vida. “E logo como presidente da República”, concluiu, orgulhoso. Passam-se os tempos, vem a reeleição. Cristovam Buarque foi seu ministro. Demitido em Portugal, por telefone, entra na campanha. Pedra de toque é a escola. No começo da semana, disse que sua plataforma de governo se concentra em escola durante todo o dia para os alunos. Quem conhece Brasília sabe que aqui era assim. As crianças tinham aulas de manhã e à tarde. Um turno era dedicado à Escola Classe. O outro, à Escola Parque. Ernesto Silva, que desenvolveu o programa, vive em Brasília e pode ser testemunha de como era o ensino primário. A escola pública era exemplar. Hoje, o governo dá migalhas de escolas por conta dos impostos, e estimula os particulares ao domínio de quase a totalidade do ensino no Brasil. Ainda bem que alguns são conscienciosos. A maioria, entretanto, usa a sala de aula como máquina registradora. Lula pega carona e propõe exemplo de escolas para seu próximo governo. Triste Brasil, onde a plataforma da reeleição de Lula se baseia nos tópicos do concorrente.

A FRASE QUE FOI PRONUNCIADA

“Estou cansado de ouvir o que vão fazer. Meu voto é do candidato que me disser como vai fazer. Aí é que o bicho pega.”

Leitor José Brito

Novidade

Floresta Estadual da Amazônia. Em uma consulta pública que aconteceu no auditório da Secretaria Executiva de Ciência, Tecnologia e Meio Ambiente, em Belém, foi aprovado o projeto que cria a Floresta Estadual do Paru (Flota), na região do projeto Calha Norte. Quem vai sancionar o projeto é o governador Simão Jatene.

Participação

Saneamento básico em pauta. A novidade na matéria aprovada pela Comissão Mista de Saneamento é que serão criados conselhos de usuários nos municípios. O objetivo é facilitar a fiscalização dos usuários nos preços e obras. O conselho não será deliberativo. César Borges comemora, rotulando o feito como “milagre da engenharia política”.

Tecnologia

Confirmado pelo gerente de Indústria Eletrônica do BNDES, Irecê Fraga. O banco vai financiar pesquisas e desenvolvimento de tecnologia e software para a implantação da TV digital. O comércio varejista deverá receber facilidades para obter as caixas conversoras do sinal. As linhas de crédito já estão em análise.

Bolsa livro

Só as livrarias, editoras e distribuidoras ganharam com a isenção de impostos como PIS/Pasep e Cofins. Para o consumidor, o preço dos livros continua alto demais. Um país melhor se faz com homens que podem comprar livros. Os professores, por exemplo,

deveriam ter 50% de desconto. Estimular o hábito da leitura, fechando o acesso à propriedade, é injusto.

Proposta

Consumidores inadimplentes reclamam que o Serasa não informa quando há pendências. E depois de regularizada a situação, limpar o nome exige tempo e paciência. Disciplinar o funcionamento do banco de dados e serviço de proteção ao crédito. O assunto está previsto no projeto do deputado Bernardo Arston. Já com parecer aprovado pelo relator Max Rosenmann, a proposta segue para a CCJ da Câmara.

Futebol

Felipão não pensou duas vezes. Convidado a dirigir o selecionado brasileiro, respondeu que não. Foi seco. Justificou a disposição de ficar na Europa por escolha familiar. Como dizia o filósofo de Mondubim, “formiga sabe a roça que come”. Conhecendo nosso sistema de tratar técnico igual a juiz de futebol, é melhor estar onde há paz do que debater com 180 milhões de entendidos na arte do jogo.

Pensamento

Malika Zidane não pensa duas vezes antes de falar. Bateu pé firme e ficou ao lado do filho, o maior craque francês. Mas excedeu na entrevista concedida ao *Bild* da Alemanha: “Defendo meu filho. Gostaria que me servissem os ovos do Materazzi numa bandeja”. Cabeças foram pedidas na mesma situação. Dona Malika foi mais longe, e exigiu cardápio mais afoito.

A crise dos mísseis do século 21

RICARDO CALDAS

Professor da Universidade de Brasília

Diferentemente da crise dos mísseis cubanos em 1962, quando Cuba, sob o governo de Fidel Castro, tentou instalar mísseis em seu território, deixando a humanidade à beira de uma Terceira Guerra Mundial, a crise dos mísseis norte-coreanos possui características bem distintas.

A Coreia do Norte, ao contrário de Cuba, não se situa em uma área geográfica que seja uma ameaça direta para os EUA. O fato de as duas Coreias estarem situadas em uma península limita o impacto de uma possível crise. Por seu lado, apesar de não estar na área de alcance dos EUA, não significa que a Coreia do Norte não possa atingir os principais aliados militares estadunidenses, como a Coreia do Sul e o Japão. Além disso, o fato de a Coreia do Norte já ter invadido a Coreia do Sul em 1950 não depõe a favor do governo norte-coreano, tido na comunidade internacional como uma réplica da fábula totalitária descrita por George Orwell em sua obra-prima: *1984*.

O modelo totalitário soviético de partido único, de inspiração stalinista, foi implantado na Coreia do Norte após a Segunda Guerra Mundial. Ainda hoje o sistema político norte-coreano replica o sistema soviético. Com a morte do líder e presidente Kim Il-sung, em 1994, seu filho, tornou-se o principal líder norte-coreano, e supremo comandante do país a partir de 1998. A Coreia do Norte tornou-se, assim, o primeiro regime totalitário hereditário do planeta. O próximo provavelmente deve ser Cuba.

A partir da crise do petróleo nos anos 70 e da retirada progressiva do apoio soviético, a

Coreia do Norte entrou em profunda e irreversível depressão econômica. Faltam alimentos para a população, falta energia no país e faltam matérias-primas para as fábricas. O governo norte-coreano não conseguiu ainda estabelecer uma estratégia de ação para contrabalançar a retirada do apoio da ex-URSS, ao contrário de Cuba, que passou a se apoiar de forma crescente na indústria do turismo. Hoje, a Coreia do Norte depende de ajuda de outros países e de doações dos países desenvolvidos (e da Coreia do Sul) para sobreviver. Estima-se que o PIB da Coreia do Norte deva estar atualmente em torno de US\$ 30 bilhões. Apesar desse fato, a Coreia do Norte mantém altíssimos gastos militares, talvez um dos maiores do planeta em relação ao Produto Interno Bruto, em torno de 20% do PIB.

Na comparação entre o programa nuclear do país e o iraniano, observa-se que o do Irã é bastante incipiente e apresentou poucos resultados práticos até o momento, como nota Marcos de Azambuja (*Os Programas Nucleares da Coreia do Norte, do Irã e suas consequências*, Paz e Terra, 2006). Não é esse o caso da Coreia do Norte. De fato, as pesquisas nucleares norte-coreanas são bem conhecidas. Desde 1992 o país autorizou visitas da Agência Internacional de Energia Atômica (Aiea), mas se acredita que o governo tenha impedido que a Aiea tenha tido contato com regiões onde pudesse haver a produção de urânio. Na comunidade internacional, supõe-se que a Coreia do Norte já é capaz de fabricar artefatos e ogivas nucleares de médio alcance.

Em 1994, a Coreia do Norte se dispôs a suspender seu programa nuclear e, em troca, recebeu a promessa de US\$ 5 bilhões em combustível e dois reatores nucleares para fins pa-

cíficos. No entanto, a partir de 1998 passa a lançar mísseis por cima do Japão, deixando os governos japonês e sul-coreano em estado de alerta. Apesar desse fato — ou talvez por causa dele —, desde 2000 inicia-se um processo de aproximação entre as duas Coreias, inclusive com visita de presidentes. Aparentemente, para a Coreia do Norte a questão nuclear é um jogo onde ela pretende obter o melhor resultado possível via ameaças. Assim, o disparo de mísseis, durante a data máxima dos EUA, 4 de julho, parece ter sido uma clara tentativa da Coreia do Norte de chamar atenção sobre a sua situação para os países doadores maximizarem suas doações a fim de dissuadir o governo norte-coreano a abandonar seu programa nuclear.

Com efeito, a Coreia do Norte provavelmente está blefando. O governo percebe a preocupação da comunidade internacional com a questão da segurança internacional e busca obter o máximo de ganhos possíveis sob a forma de doações, energias e alimentos para contrabalançar as mazelas de sua economia e aumentar a longevidade do regime stalinista. Nesse aspecto, a referência da Coreia do Norte é o Irã, que está sendo cortejado pela comunidade internacional e, em particular pela União Européia, que teria oferecido uma série de incentivos econômicos, comerciais, financeiros para que o governo iraniano abandone sua intenção de processar urânio no país. A Coreia do Norte, aparentemente, deseja ser cortejada também.

Esse fato explica, ao menos em parte, porque a Coreia do Sul deu menos importância que os EUA aos mísseis lançados pela vizinha Coreia do Norte. Veremos os resultados do jogo em breve.